



Ramo agrícola segue sustentando saldo positivo do agronegócio

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou crescimento de 0,23% em maio, acumulando alta de 1,79% de janeiro a maio frente ao mesmo período de 2015 (Figura 1). Tanto no mês, quanto no acumulado dos cinco primeiros meses do ano, o resultado positivo foi reflexo do desempenho do ramo agrícola, que cresceu 0,37% em maio e 2,73% nos primeiros cinco meses de 2016. Já o ramo pecuário apresentou

pequena queda de 0,07% no mês, acumulando baixa de 0,26% nos cinco primeiros meses do ano frente ao mesmo período de 2015 (Tabela 1).

Com relação aos segmentos, no ramo agrícola, destaca-se o primário, que apresentou elevação de 0,71% no mês, seguido por serviços (0,35%), insumos (0,27%) e indústria (0,17%). No acumulado, os segmentos do ramo agrícola mantiveram-se em crescimento e o segmento primário também foi destaque, com elevação de 3,55%. Serviços, indústria e insumos também acumularam elevações no ano,

de 2,80%, 2,53% e 1,28%, respectivamente (Tabela 1).

Já no ramo pecuário, a queda acumulada nos primeiros cinco meses do ano deve-se ao recuo registrado nos segmentos primário (-0,24%), industrial (-0,74%) e de serviços (-0,53%), tendo em vista que houve elevação para o segmento de insumos (0,59%). Especificamente em maio, os segmentos primário, indústria e serviços apresentaram desempenho negativo no ramo, de -0,10%, -0,10% e -0,12%, respectivamente, enquanto o segmento de insumos apresentou alta de 0,14% (Tabela 1).

PIB do Agronegócio Acumulado no Ano: 1,79%

Insumos
0,99%

Básico
1,85%

Indústria
2,10%

Serviços
1,76%

Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio: janeiro a maio/2016 em relação a janeiro a maio/2015
Fonte: Cepea/USP e CNA.

Insumos: rações sustentam alta no segmento

O segmento de insumos agropecuários apresentou alta de 0,22% em maio, acumulando aumento de 0,99% de janeiro a maio (Figura 1). Observa-se que a variação acumulada ainda é mais modesta com relação aos outros segmentos, mas a variação mensal já mostra maior equilíbrio.

Entre as indústrias acompanhadas neste segmento, para fertilizantes e adubos, verifica-se redução anual de 8,89% no faturamento, via projeção de produção 3,38% menor no ano e baixa de 5,71% dos preços

(na comparação entre os cinco primeiros meses de 2016 com o mesmo período de 2015) (Figura 2). Segundo a equipe Custos Agrícolas/Cepea, a desvalorização do dólar nos últimos meses resultou em queda nos preços dos fertilizantes no mercado interno, seguindo a tendência já destacada no relatório de abril. Esse cenário tem elevado o ritmo de aquisição de insumos por parte dos produtores, que estava enfraquecido desde o ano passado, por conta da alta das cotações dos fertilizantes com o dólar elevado e das dificuldades de acesso a crédito.

Quanto à indústria de rações, estima-se elevação de 7,97% no faturamento, resultado de produção e preços em alta, com taxas de 2,90% e 4,93%, respectivamente. Segundo o Sindirações, as elevações nos preços estão atreladas especialmente às fortes valorizações de milho e soja no mercado doméstico.

Para a indústria de combustíveis e lubrificantes, estima-se recuo anual de 14,00%, diante de preços 8,99% menores e de queda de 5,5% na produção (Figura 2).

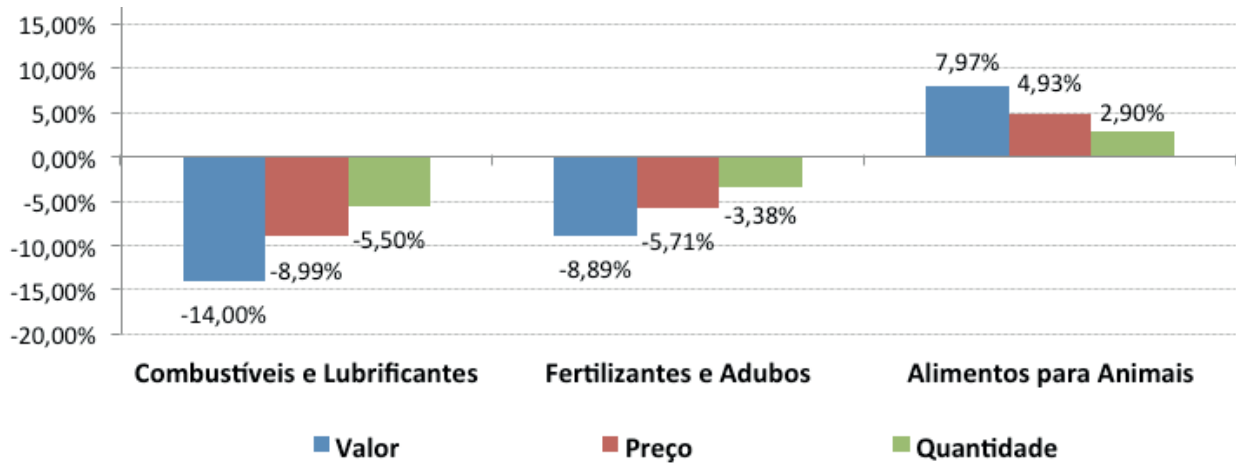


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a maio/2016 em relação a janeiro a maio/2015)
 Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos).

Segmento primário: preços em alta impulsionam a agricultura

O segmento primário do agronegócio manteve crescimento em maio, com alta de 0,35% no mês, acumulando elevação de 1,85% nos cinco primeiros meses do ano (Figura 1). Entre os ramos, o destaque neste segmento ficou com a agricultura que obteve crescimento de 3,55% na comparação entre janeiro e maio de 2016 com o mesmo período de 2015 (Tabela 1). Este resultado foi impulsionado pela alta nas cotações reais médias (14,25%) das atividades agrícolas “dentro da porteira”, visto que a expectativa de produção é de queda (4,09%, na média das atividades).

O comportamento das culturas acompanhadas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços de janeiro a maio de 2016, comparado ao mesmo período do ano passado – é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, espera-se crescimento no faturamento anual das seguintes lavouras: algodão (6,34%), banana (9,47%), batata (22,22%), cacau (21,37%), café (10,53%), cana-de-açúcar (9,69%), cebola (41,56%), laranja (19,62%), mandioca (49,39%), milho (23,02%), soja (8,76%) e trigo (25,49%).

No caso do algodão, o resultado foi sustentado pela elevação de preços (19,68%) para o produto, em 2016, comparado com os cinco primeiros meses de 2015. Quanto à produção, a expectativa para o ano fechou em queda de 11,15%. Segundo a equipe Algodão/Cepea, em maio, boa parte dos produtores se manteve à espera de preços maiores para negociar.

O clima desfavorável para a safra atual (2015/2016) e a baixa disponibilidade de pluma de boa qualidade da temporada passada (2014/2015) explicam a expectativa de valorização do algodão.

Para o café, o crescimento esperado no faturamento é resultado da previsão de elevação na produção anual de 14,88%, já que os preços recuaram 3,78% (na comparação entre janeiro e maio de 2016 com o mesmo período de 2015). Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o aumento esperado da produção decorre do crescimento na área de cultivo e da maior produtividade em muitos estados produtores, em um ano de bialidade positiva. Para a equipe Café/Cepea, o clima favoreceu a produção nacional de café arábica da safra 2016/2017, o que deve elevar a oferta de grão de maior qualidade no segundo semestre. Até este mês, verificava-se no mercado baixa disponibilidade de café, especialmente de grãos de maior qualidade, o que, inclusive, limitou os embarques no final de temporada 2015/2016.

No caso da cana-de-açúcar, a elevação no faturamento advém da estimativa de crescimento da produção para o ano (3,82%) e do aumento real dos preços (5,66%). De acordo com a Conab, a maior produção esperada para a safra 2016/2017 decorre da alta incidência de cana bisada da temporada 2015/2016 e do crescimento de área própria de algumas unidades de produção, conforme já destacado em relatórios anteriores. Especificamente no início de maio, o clima favoreceu a colheita de

cana e, conseqüentemente, a moagem nas principais regiões produtoras. Já na segunda quinzena, chuvas em diversas regiões produtoras paralisaram a colheita, reduzindo o processamento e a oferta de muitas usinas, notadamente em São Paulo, de acordo com pesquisadores do Cepea.

Para a cultura da laranja, o aumento no faturamento está atrelado aos maiores preços (23,58%), diante de uma expectativa de redução da produção do ano (-3,20%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os preços mais atrativos da safra 2016/2017 vêm aliviando o fluxo de caixa do citricultor, que passou por cinco temporadas seguidas de baixos valores. Preços mais elevados nesta temporada se devem aos estoques reduzidos de suco de laranja nas indústrias paulistas e à queda do potencial produtivo, devido à saída de um grande número de produtores e à forte influência do HLB (greening). A menor oferta de laranja na Flórida (EUA), principal concorrente do Brasil, sem expectativa de recuperação no curto prazo, também vem exercendo influência positiva nos preços recebidos pelos citricultores nacionais.

Para a soja, a expectativa de elevação do faturamento ocorre via maiores preços (9,81%), visto que há leve queda na expectativa anual da produção (-0,96%). De acordo com a equipe Grãos/Cepea, os preços do grão registraram fortes elevações em maio, impulsionados pela firme demanda mundial. Do lado da oferta, houve quebra nos dois principais produ-

tores da América Latina: Brasil e Argentina. No mercado interno, compradores brasileiros relataram dificuldades na aquisição do grão e indústrias seguem com baixos estoques da soja para processamento.

Quanto ao milho, o maior faturamento esperado justifica-se pela forte elevação dos preços (50,66%), em comparação com o mesmo período de 2015. Já na produção, a previsão é redução de 18,34%. Segundo a equipe Grãos/Cepea, o clima instável nas regiões produtoras e as incertezas quanto à lavoura de segunda safra continuaram elevando os preços no mês. O aumento das exportações diante do dólar valorizado também vem exercendo influência sobre os preços internos.

Os produtos com projeção de queda no faturamento anual, consideradas as in-

formações disponíveis até o fechamento deste relatório, são: arroz (14,65%), feijão (5,89), fumo (22,52%), tomate (37,16%) e uva (17,44%) (Figura 3).

A redução de faturamento para o arroz é resultado, principalmente, da queda na produção, estimada em 15,80%, em oposição a um aumento real dos preços em 1,36%, em comparação com os cinco primeiros meses do ano passado. Segundo a Conab, a queda na produção está atrelada à redução da área plantada em quase todos os estados produtores e ao excesso de chuvas, que resultou em plantio fora da janela ideal e em queda de produtividade na região Sul do País, principal produtora. Segundo a equipe Arroz/Cepea, em maio, a valorização do arroz foi influenciada pela menor disponibilidade do produto.

Com relação ao tomate, estima-se queda na produção de 15,69% para o ano e também nas cotações em reais, de 25,47%, comparado com os cinco primeiros meses de 2016, em relação ao mesmo período de 2015. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, chuvas e granizo causaram perdas e queda de qualidade em algumas regiões produtoras de São Paulo e, com isso, os preços subiram em maio, apesar da baixa acumulada de janeiro a maio com relação ao mesmo período de 2015. No caso do feijão, estima-se baixa anual de 15,99% na produção e alta de 12,02% nos preços, entre janeiro e maio de 2016, comparado ao mesmo período do ano anterior.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais (na comparação entre períodos) e de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

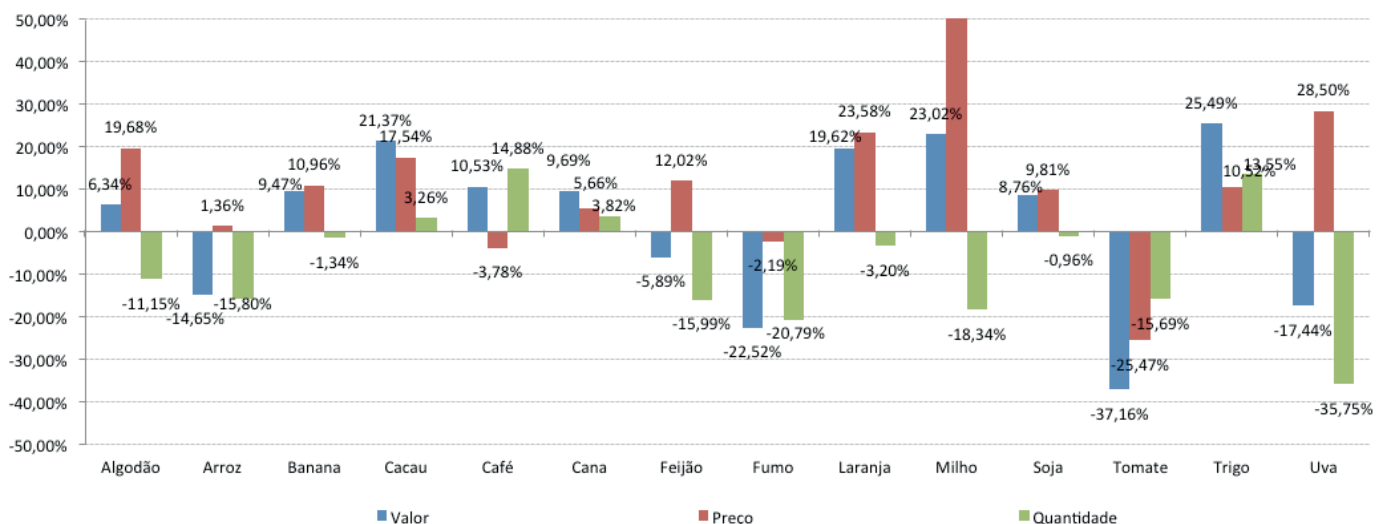


Figura 3 – Agricultura: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a maio/2016 em comparação a janeiro a maio/2015)
 Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algodão	Arroz	Banana	Cacau	Café	Cana	Feijão	Fumo	Laranja	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
Valor	6,34	-14,65	9,47	21,37	10,53	9,69	-5,89	-22,52	19,62	49,39	23,02	8,76	-37,16	25,49	-17,44
Preço	19,68	1,36	10,96	17,54	-3,78	5,66	12,02	-2,19	23,58	51,09	50,66	9,81	-25,47	10,52	28,50
Quantidade	-11,15	-15,80	-1,34	3,26	14,88	3,82	-15,99	-20,79	-3,20	-1,12	-18,34	-0,96	-15,69	13,55	-35,75

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No segmento primário da pecuária, houve queda de 0,10% em maio, acumulando redução de 0,24% no ano (Tabela 1). O preço médio ponderado cresceu 0,55% para o segmento na comparação entre períodos. Já com relação à produção, estima-se baixa média de 1,10%.

Para a bovinocultura de corte, a queda nos preços foi de 4,95% na comparação entre janeiro a maio 2016 com o mesmo

período de 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, pecuaristas estiveram bastante atentos aos custos de produção da atividade e também aos valores futuros da arroba no correr de maio. Os insumos para a alimentação, como o milho e farelo de soja, estiveram bem mais caros em maio frente ao mesmo mês de 2015. Esse cenário exigiu do produtor um maior planejamento de compra de insumos e a utilização de ferramentas de seguro de

preços para a venda dos animais, como travar as negociações na BM&Fbovespa, para garantir resultado positivo.

Na avicultura de corte, os preços apresentaram alta de 3,88% na comparação entre os cinco primeiros meses de 2016 com o mesmo período em 2015 e, para a quantidade produzida, estima-se aumento de 3,60%. Segundo a equipe Frango/Cepea, em maio, foram registra-

das altas nos preços, notadamente na segunda quinzena do mês. Na avicultura de postura, os preços em 2016 estão 13,03% maiores que os registrados nos primeiros cinco meses de 2015, em termos reais. Quanto à produção, prevê-se elevação de 2,30%.

Com relação à suinocultura, registra-se baixa de 13,87% dos preços na comparação entre janeiro a maio (de 2016 e de 2015). Segundo a equipe Suínos/Cepea, apesar da queda acumulada de preços,

em maio, houve recuperação das cotações, influenciada, principalmente, pela baixa oferta de animais, resultado dos descartes de matrizes que vêm sendo realizados há alguns meses por produtores independentes e dos repasses de preços elevados dos insumos.

Na atividade leiteira, os preços aumentaram 8,60% na comparação entre períodos, tendo a produção apresentado queda de 4,48%. A baixa produção no campo, segundo a equipe Leite/Cepea,

tem elevado as cotações do leite. As geadas no Sul do País, o aumento nos custos de produção e a migração da pecuária leiteira para o corte seguem pressionando a produção, conforme já destacado nos últimos relatórios.

Na Figura 4, estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, no comparativo com 2015.

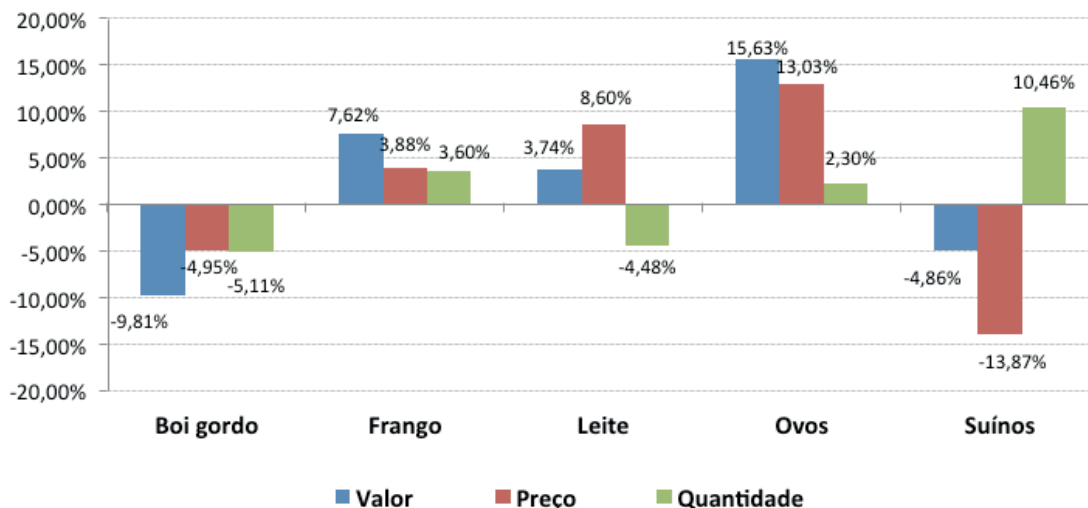


Figura 4 – Pecuária: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a maio/2016 em comparação a janeiro a maio/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

Segmento industrial: processamento vegetal segue em alta

A agroindústria nacional cresceu 0,14% em maio, acumulando alta de 2,10% de janeiro a maio de 2016 (Figura 1). Este movimento é explicado por variações positivas no processamento vegetal e por quedas para o processamento animal, tanto no mês quanto no acumulado deste ano.

No caso da indústria de base agrícola, o resultado positivo no período avaliado decorre principalmente da alta de preços – elevação real média de 7,16% –, tendo em vista a redução na produção média, de 0,77%. Nos primeiros cinco meses do ano, tiveram aumento no faturamento: celulose e papel (2,92%), elementos químicos (etanol) (6,40%), café (0,56%), beneficiamento de produtos vegetais (3,02%), açúcar (13,69%), óleos vegetais (5,54%) e outros alimentos (1,05%), conforme a Tabela 2.

Para a agroindústria de celulose e papel, a elevação de 4,23% dos preços, na comparação entre janeiro e maio de 2015/2016, foi o principal impulso ao faturamento. Com relação à produção, estima-se alta de 2,32% no ano (Figura 5). Conforme já destacado nos últimos relatórios, cotações dos produtos desta indústria têm se beneficiado com o Real desvalorizado frente ao dólar (quando em relação ao mesmo período de 2015), já que o principal mercado dessa atividade é o internacional.

No mercado de etanol, a produção estimada para este ano continua sendo de queda de 0,40%, enquanto as cotações apresentam forte elevação de 16,51% no acumulado de janeiro a maio frente ao mesmo período de 2015. Segundo a equipe Etanol/Cepea, na primeira quinzena de maio, o clima seco favoreceu a moa-

gem de cana-de-açúcar, mas a ocorrência de chuvas na segunda quinzena paralisou a colheita, o que reduziu a oferta em muitas usinas paulistas. Vale destacar que as usinas continuaram focando na produção de açúcar, dada a maior remuneração deste adoçante frente ao etanol.

Na indústria açucareira, houve aumento de 21,47% nos preços, na comparação de janeiro a maio de 2016, em relação ao mesmo período de 2015, com projeção de elevação na produção esperada para o ano em 12,01%. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, a vantagem do açúcar em relação ao etanol atingiu recorde, tendo o açúcar cristal remunerado 65% a mais que o etanol anidro e 78% mais que o hidratado. A produção de açúcar também vem sendo motivada pela alta nos preços internacionais, que, por sua vez, refletem o déficit global do produto, previsto para

as duas próximas safras, conforme destaca a equipe Açúcar/Cepea.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período: madeira e mobiliário (-7,02%), têxtil

(-6,89%) e vestuário (-6,14%) (Tabela 2). O desempenho negativo nessas indústrias relaciona-se a quedas estimadas para a produção, decorrentes principalmente de ajuste em relação à redução da demanda interna, devido à crise econômica do País.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias em 2016, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

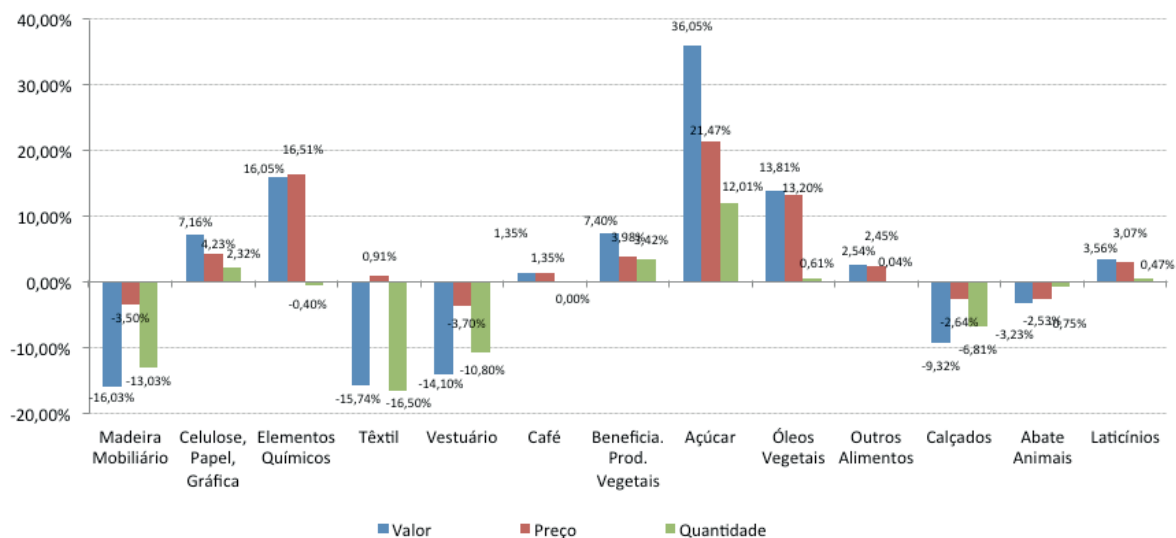


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a maio/2016 em relação a janeiro a maio/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios cresceu no período em análise (1,47%). Já as indústrias de abate de animais e de calçados apresentaram retração de 1,36% e de 3,99%, respectivamente (Tabela 2).

No caso dos lácteos, espera-se redução de 0,47% na produção anual. Já com relação a preços, registra-se aumento real de 3,07% na comparação com os cinco primeiros meses de 2015 (Figura 5). Segundo a equipe Leite/Cepea, a menor produção de leite no campo manteve os preços dos derivados lácteos em alta em maio,

com forte competição das indústrias pela compra do produto. Com isso, apesar do aumento no faturamento, a indústria tem enfrentado elevação de custos, o que compromete o retorno com a produção de lácteos.

Na indústria do abate, a queda acumulada é resultado da diminuição nos preços (-2,53% na comparação entre os cinco primeiros meses do ano, com o mesmo período de 2015) e na produção (-0,75%, estimativa anual). Segundo pesquisadores do Cepea, o enfraquecimento da demanda interna tem pressionado as cotações

no mercado de carnes. Apenas a carne de frango, por outro lado, que se mostra competitiva em virtude do efeito de substituição. As exportações dessas proteínas, porém, seguem em alta (bovinos, suínos e aves) em relação ao ano anterior, movimento favorecido pelo câmbio.

Para a indústria de couro e calçados, houve redução de 6,81% ao ano. na quantidade produzida e de 2,64% nos preços, na comparação entre os cinco primeiros meses de 2016 com o mesmo período de 2015.

Serviços: segmento cresce nos cinco primeiros meses de 2016

O segmento de serviços do agronegócio, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, apresentou crescimento de 0,21% em maio, acumulando alta de 1,76% de janeiro a maio de 2016 (Figura 1). Tanto no mês quanto no acumulado, o segmento foi impulsionado pelo ramo agrícola, tendo em vista as quedas observadas no ramo pecuário deste segmento. Em maio, para os serviços voltados à agricultura, houve alta de 0,35% e, no acumulado, de 2,80%. Já no ramo pecuário, houve queda de 0,12% no mês e de 0,53% no acumulado dos cinco primeiros meses do ano.

Conclusões

Em meio à perspectiva macroeconômica desfavorável, em que o mercado prevê queda de 3,27% no PIB do país, conforme levantamento do último relatório Focus do Banco Central¹, o PIB do agronegócio

brasileiro acumulou alta de 1,79%, no período de janeiro a maio de 2016 ante o mesmo período de 2015. O destaque segue sendo o ramo agrícola, que cresceu 2,73% no período, enquanto o ramo

pecuário caiu 0,26%. O movimento de elevação no ramo agrícola atrelou-se ao maior patamar de preços, notadamente do segmento primário (alta de 14,25% na média ponderada do segmento). Desta-

¹ Relatório Focus de 22 de julho de 2016

cam-se as altas expressivas de preços do milho e da soja, produtos que exercem impacto direto sobre a alimentação animal e, por consequência, nos custos das atividades pecuárias.

No ramo pecuário, segue como destaque a alta de preços do leite (8,60% de crescimento real acumulada entre janeiro e maio com relação ao mesmo período do ano anterior), motivada pela baixa oferta do produto no mercado – com impacto sobre a indústria de laticínios. Os mercados de animais vivos e carnes seguem tendo reflexos do menor poder

de compra do consumidor interno, que tem optado pela substituição e redução na demanda. Neste contexto, o alívio vem com o desempenho das exportações, que têm atingido patamares elevados, beneficiadas pelo dólar ainda valorizado. O câmbio também vem exercendo impactos positivos sobre agroindústrias como celulose e papel, açúcar e óleos vegetais, que seguem em alta. Por outro lado, ainda se verifica forte recuo da produção nas indústrias de madeira e mobiliário e têxtil-vestuarista, mais voltadas ao mercado interno, conforme tem se verificado desde o início de 2016.


Em relação ao consumidor final, a alta nas cotações de produtos agropecuários tem se refletido em inflação dos alimentos. Mesmo com o PIB em perspectiva de queda, e a demanda do consumidor em constante contração, os preços gerais da economia persistem em aceleração ao longo do ano. O IPCA, medida oficial da inflação no país, acumulou alta de 4,05% de janeiro a maio deste ano. Segundo dados do IBGE, os preços dos alimentos seguiram subindo em torno de 1% ao mês de janeiro a abril. E, em maio, a taxa foi de 0,78%. 

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Maio	-0,12	-0,22	-0,04	-0,09	-0,12
Junho	-0,04	-0,31	-0,11	-0,09	-0,16
Julho	0,59	0,16	-0,19	-0,02	0,06
Agosto	0,26	0,22	-0,22	-0,09	0,01
Setembro	0,25	0,25	-0,40	-0,18	-0,06
Outubro	0,02	0,07	0,26	-0,03	0,08
Novembro	0,43	0,37	0,72	0,54	0,52
Dezembro	0,36	0,56	0,09	0,12	0,27
Janeiro	0,27	0,51	0,34	0,29	0,37
Fevereiro	0,42	0,63	0,88	0,78	0,72
Março	-0,05	0,10	0,48	0,18	0,21
Abril	0,13	0,24	0,25	0,28	0,24
Maio	0,22	0,35	0,14	0,21	0,23
Acum. no Período (2016)	0,99	1,85	2,10	1,76	1,79

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Maio	-0,15	-0,38	0,05	-0,02	-0,09
Junho	0,18	0,00	-0,12	0,02	-0,02
Julho	0,48	0,39	-0,19	0,04	0,08
Agosto	0,46	0,43	-0,27	-0,16	0,00
Setembro	0,60	0,80	-0,42	-0,12	0,06
Outubro	0,53	0,68	0,33	0,15	0,38
Novembro	0,88	1,00	0,84	0,88	0,90
Dezembro	0,69	1,12	0,10	0,19	0,43
Janeiro	0,61	1,20	0,43	0,56	0,67
Fevereiro	0,50	0,92	1,01	1,07	0,95
Março	-0,10	0,29	0,57	0,33	0,36
Abril	-0,01	0,39	0,33	0,46	0,35
Maio	0,27	0,71	0,17	0,35	0,37
Acum. no Período (2016)	1,28	3,55	2,53	2,80	2,73

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Maio	-0,08	-0,03	-0,60	-0,23	-0,16
Junho	-0,34	-0,67	-0,03	-0,33	-0,44
Julho	0,73	-0,10	-0,21	-0,16	0,00
Agosto	0,00	-0,03	0,11	0,08	0,03
Setembro	-0,22	-0,40	-0,26	-0,29	-0,32
Outubro	-0,69	-0,66	-0,19	-0,43	-0,54
Novembro	-0,20	-0,39	-0,05	-0,21	-0,26
Dezembro	-0,10	-0,12	-0,02	-0,04	-0,08
Janeiro	-0,20	-0,33	-0,24	-0,29	-0,29
Fevereiro	0,29	0,28	0,01	0,15	0,21
Março	0,02	-0,14	-0,13	-0,14	-0,11
Abril	0,33	0,05	-0,30	-0,14	0,00
Maio	0,14	-0,10	-0,10	-0,12	-0,07
Acum. no Período (2016)	0,59	-0,24	-0,74	-0,53	-0,26

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços. | Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Maio	-0,12	0,58	-0,22	-0,90	-0,98	0,29
Junho	0,06	0,73	-1,57	-0,60	-0,05	0,17
Julho	-0,70	0,52	-0,90	-1,48	-1,20	-0,06
Agosto	-0,57	0,82	-0,26	-1,78	-0,81	0,00
Setembro	-1,63	0,78	-0,48	-2,59	-2,03	0,05
Outubro	-2,13	1,02	2,73	-2,50	-1,74	0,24
Novembro	-1,97	0,44	2,45	-2,33	-1,68	0,28
Dezembro	-2,35	0,73	2,03	-1,76	-2,69	0,31
Janeiro	-1,26	0,61	1,67	-1,32	-1,40	0,06
Fevereiro	-1,21	0,84	1,61	-1,39	-1,22	-0,11
Março	-1,54	0,67	2,46	-1,68	-1,27	0,13
Abril	-1,54	0,31	0,28	-1,54	-1,12	0,21
Maio	-1,68	0,46	0,23	-1,15	-1,28	0,27
Acum. no Período (2016)	-7,02	2,92	6,40	-6,89	-6,14	0,56

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Maio	0,66	0,43	1,13	-0,23	-0,27	0,10	-2,12
Junho	1,04	0,04	0,25	0,17	-0,33	0,33	-0,69
Julho	1,15	0,07	0,56	-0,29	-0,34	-0,25	-0,10
Agosto	-2,07	0,97	1,05	-0,01	-0,98	0,45	-0,30
Setembro	-1,69	1,08	1,92	-0,20	-1,65	0,08	-0,56
Outubro	-1,07	-5,66	2,25	-0,01	-1,75	-0,21	0,29
Novembro	2,01	0,75	0,99	0,41	-1,31	0,10	0,02
Dezembro	-2,01	1,39	1,07	-0,34	-1,79	0,19	0,02
Janeiro	-0,71	3,12	1,65	-0,05	-0,89	-0,29	0,05
Fevereiro	3,64	2,88	1,49	0,16	-0,67	-0,06	0,36
Março	-1,19	2,00	0,50	0,16	-0,91	-0,18	0,20
Abril	1,67	2,35	0,75	0,30	-0,74	-0,53	0,32
Maio	-0,34	2,64	1,03	0,48	-0,84	-0,31	0,54
Acum. no Período (2016)	3,02	13,69	5,54	1,05	-3,99	-1,36	1,47

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 3 – PIB do agronegócio brasileiro de 1994 a 2016 (R\$ bilhões de 2016*)

	AGROPECUÁRIA				
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	79,12	212,45	297,99	297,79	887,34
1995	76,67	217,73	319,72	299,14	913,27
1996	77,50	209,44	305,67	305,84	898,45
1997	76,44	206,46	307,40	300,20	890,51
1998	80,99	219,33	291,21	304,14	895,67
1999	88,00	219,08	299,10	305,99	912,17
2000	90,66	217,20	302,16	303,04	913,07
2001	94,33	227,19	299,87	307,63	929,02
2002	108,14	254,23	317,32	331,15	1.010,84
2003	121,66	284,29	326,42	344,54	1.076,90
2004	123,34	281,83	342,91	356,33	1.104,41
2005	110,81	254,35	343,35	344,46	1.052,97
2006	107,84	248,93	353,02	347,95	1.057,74
2007	121,84	279,26	368,38	371,73	1.141,22
2008	143,54	320,23	378,10	391,30	1.233,17
2009	127,89	295,93	363,37	374,62	1.161,81
2010	134,01	328,24	387,50	399,65	1.249,40
2011	150,65	367,01	382,17	414,34	1.314,17
2012	150,16	356,59	367,34	402,14	1.276,23
2013	156,18	388,49	379,53	418,21	1.342,41
2014	159,96	404,99	377,56	422,22	1.364,73
2015	163,37	408,30	379,80	423,32	1.374,79
2016	164,99	415,84	387,76	430,77	1.399,37

AGRICULTURA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	50,67	124,19	251,99	213,25	640,10
1995	48,28	124,23	268,73	210,35	651,59
1996	50,06	123,54	254,27	217,95	645,82
1997	49,90	123,29	258,54	215,28	647,02
1998	52,45	129,75	244,38	214,78	641,36
1999	55,16	123,05	251,54	212,40	642,14
2000	54,59	114,27	254,04	206,18	629,08
2001	57,74	124,02	250,60	208,72	641,07
2002	67,25	146,25	267,22	228,63	709,35
2003	77,44	169,59	276,82	239,75	763,61
2004	78,21	166,65	291,78	249,09	785,72
2005	66,43	140,88	293,29	239,73	740,32
2006	65,60	140,51	305,33	248,36	759,81
2007	74,71	157,73	316,98	261,92	811,34
2008	90,97	184,41	324,23	272,16	871,77
2009	78,34	167,42	315,15	264,80	825,71
2010	81,90	187,85	337,47	283,68	890,89
2011	91,63	213,30	331,53	292,59	929,05
2012	92,35	212,90	320,49	288,89	914,63
2013	92,83	218,49	329,58	292,02	932,91
2014	92,24	219,18	326,42	288,30	926,14
2015	95,75	225,18	329,71	291,12	941,75
2016	96,97	233,16	338,04	299,28	967,45

PECUÁRIA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	28,45	88,26	46,00	84,54	247,25
1995	28,40	93,51	50,99	88,79	261,68
1996	27,45	85,90	51,40	87,89	252,63
1997	26,54	83,17	48,86	84,92	243,48
1998	28,54	89,58	46,83	89,36	254,31
1999	32,84	96,03	47,56	93,59	270,03
2000	36,07	102,94	48,12	96,86	283,99
2001	36,59	103,17	49,27	98,91	287,95
2002	40,90	107,97	50,10	102,52	301,50
2003	44,21	114,70	49,59	104,79	313,30
2004	45,13	115,19	51,13	107,24	318,69
2005	44,38	113,47	50,07	104,73	312,65
2006	42,23	108,42	47,69	99,59	297,93
2007	47,14	121,53	51,40	109,81	329,88
2008	52,57	135,82	53,88	119,14	361,40
2009	49,55	128,51	48,22	109,82	336,10
2010	52,11	140,39	50,03	115,97	358,51
2011	59,02	153,71	50,64	121,75	385,12
2012	57,82	143,68	46,84	113,25	361,59
2013	63,35	170,00	49,96	126,18	409,50
2014	67,72	185,81	51,14	133,92	438,58
2015	67,63	183,12	50,09	132,20	433,04
2016	68,02	182,68	49,72	131,50	431,92

Fonte: CEPEA-USP e CNA

* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada em 2016